

NA ROTA DO SOCIALISMO DE ESTADO¹

Michael Burawoy²

RESUMO: Neste artigo, Michel Burawoy revisita o mundo esquecido do Socialismo de Estado, refletindo sobre suas experiências como operário na Hungria (1983-1988) no crepúsculo da União Soviética (1991) e em seus desdobramentos sobre o mercado (1992-2002). Pelo prisma do chão de fábrica, o autor examina as peculiaridades da produção socialista e como esta forjou a consciência da classe trabalhadora, deixando os trabalhadores despreparados para a catástrofe que se abateu sobre eles durante a transição capitalista. Mais amplamente, Burawoy lida com as limitações do seu método de caso estendido e com os desafios que o Socialismo de Estado impôs ao marxismo.

Palavras-chave: Hungria. Socialismo de Estado. União Soviética.

Um dos mais insistentes lamentos de meu professor, o antropólogo Jaap van Velsen, era relativo a marxistas que aladiçoavam o capitalismo com o socialismo utópico. Isso, asseverou van Velsen, era uma *falsa comparação*, associando a realidade de uma sociedade com a idealização de outra. Ele exigia a comparação de igual para igual – que o capitalismo-como-o-conhecemos deveria ser comparado com o socialismo-como-o-conhecemos. Em sua opinião, foi um erro categórico comparar a realidade de uma sociedade com a versão utópica de outra, e também irresponsabilidade dos marxistas por deixar a União Soviética ou a Europa Oriental fora da crítica. Sua voz cresceu na mesma instância que o marxismo tornou-se moda na década de 1970. Quando eu terminei o meu próprio estudo do processo de trabalho capitalista, com base nos onze meses que passei trabalhando como operador de máquinas em uma planta no sul de Chicago (Burawoy, 1979), van Velsen direcionou sua ira a mim. E estava certo: por trás do meu texto havia um certo socialismo utópico.

Seus protestos foram encampados por Robert Merton, que me afrontava pela *falsa imputação* que confundia capitalismo com industrialismo. Ele criticava um ensaio que eu tinha escrito em 1982 sobre a sociologia industrial de seu recém-falecido estudante Alvin Gouldner. Eu afirmei que o texto clássico de Gouldner, *Padrões da Burocracia Industrial*, perdeu o caráter

¹ Aqui estou retrabalhando nos elementos do método de caso estendido. Ver M. Burawoy (1998, 2003). Tradução do original em inglês e Notas de Luciano Dutra de Oliveira e Claudinei Cássio de Rezende.

² Professor do UC Berkeley Sociology Department.

especificamente capitalista da burocracia industrial. Sua burocracia simulada e sua burocracia baseada na punição eram lapidadas pelas exigências do trabalho assalariado e pela busca competitiva de lucro, enquanto sua burocracia representativa era simplesmente inviável no capitalismo. Merton respondeu dizendo que eu não tinha demonstrado minhas reivindicações, que exigiria a comparação da burocracia industrial, tanto dentro como entre as sociedades capitalistas e não-capitalistas (Goulder, 1954; Burawoy, 1982).

Para expiar os meus pecados de falsa comparação e de falsa imputação, resolvi levar o socialismo realmente existente muito mais a sério. Eu decidi ir contra o caminho fácil do marxismo ocidental, que rejeitava a União Soviética e seus satélites como uma forma de estatismo ou Capitalismo de Estado, sem relação com o projeto socialista. Em vez disso, eu comecei uma jornada de vinte anos na mansão oculta do socialismo realmente existente, dos quais os últimos dez anos foram inesperadamente dedicados a seguir a dolorosa transição soviética ao capitalismo. Ironicamente, avaliando este salto soviético ao capitalismo – as experiências de terapia de choque e do *big bang* – eu agora virei o jogo sobre os avatares das liberdades de mercado. Eu os acusei de *falsas comparações* quando eles condenavam as realidades do socialismo com uma idealização do capitalismo, e de *falsas imputações* quando eles presumiram que as patologias das sociedades soviéticas evaporariam se o seu caráter socialista fosse destruído. Esqueceram-se dos custos de transição, os mais elevados numa ordem mundial dominada pelo capitalismo, bem como das patologias próprias do capitalismo. Os economistas pensavam que estavam fazendo compras em um supermercado e poderia simplesmente pegar qualquer combinação de instituições que queriam, e então sair sem pagar. De fato, a transição russa provou ser uma pilhagem em larga escala. Tendo estado sob o tacão do Socialismo de Estado, a população em geral foi conivente com esta expropriação desenfreada para seu próprio prejuízo. Para ser mais exato, eles nunca se viram como estando em um supermercado, mas em uma prisão. Eles estavam lá durante toda a vida, assim, assumiram que a vida no exterior só poderia ser melhor. Acabaram envoltos num outro tipo de prisão.

Os custos de vida e morte de uma transição capitalista, guiados e justificados por tais falsas comparações e falsas imputações, não eram menos terríveis do que aquelas nascidas de erros semelhantes durante o período de coletivização da agricultura e da economia planificada. Assim como o stalinismo eclipsou suas atrocidades, proclamando a nova ordem da realização do "comunismo", imputando perversões perniciosas às legalidades capitalistas, os economistas neoliberais esconderam os horrores da transição capitalista por trás dos rótulos do "mercado livre", enquanto imputavam perversões à herança obstinada do comunismo ou totalitarismo. Por trás dos

erros da ciência social de falsa comparação e de falsa imputação encontra-se uma montanha de (ir)responsabilidade e culpa políticas.

Neste ensaio, reflito sobre minhas próprias tentativas de lidar com os desafios de comparação e imputação de uma viagem que, na década de 1980, levou-me de locais de trabalho a locais de trabalho na Hungria, em seguida, na década de 1990, de locais de trabalho para a comunidade da restauração do mercado da Rússia. O que era peculiar, perguntei à organização do trabalho e da consciência da classe trabalhadora no "estado" dos "trabalhadores" – ou seja, sob o socialismo realmente existente, e com que consequências para o desaparecimento da velha ordem e a gênese da nova? E agora eu também devo perguntar, quais são as lições restantes que podemos tirar do socialismo- assim-como-existiu?

O método multicaso

Como um etnógrafo pode comparar o capitalismo e o socialismo sem cair nas armadilhas das falsas comparações e falsas imputações? O antropólogo à moda antiga, sozinho em sua aldeia e focado no aqui e agora, isolado do mundo afora, tem pouco a oferecer. Nem melhor é o velho estilo interacionista simbólico ou etnometodologista, trabalhando as minúcias da interação social face-a-face, em busca de uma teoria formal no processo social e que, suspendendo o tempo e o espaço, suprime os contextos históricos do capitalismo e do socialismo.

Romper com esses gêneros tradicionais da etnografia e procurar compreender o significado social na era da globalização é o que propõe a idéia atraente de *etnografia multilocalizada* – a etnografia que conecta diferentes locais além das fronteiras nacionais. A etnografia multilocalizada estabelece-se a partir de uma rejeição da antropologia clássica de encarceramento espacial do nativo, confinando-o a um único lugar (Appadurai, 1988), e rejeita a coincidência forçada de espaço, lugar e cultura (Gupta & Ferguson, 1992). Fronteiras atuais, a migração, as diferenças culturais no seio das comunidades e a condição pós-colonial apontam para os laços e identidades que devem ser explorados entre várias localidades e além delas. Em uma das primeiras declarações programáticas de campo, George Marcus considerou a etnografia multilocalizada como o caminho para penetrar no processo de globalização, ao invés de vê-lo como um sistema externo que se impõe sobre a vida mundana (Marcus, 1995). Ele cataloga as técnicas de etnografia multilocalizada como técnicas de rastreamento do movimento de pessoas, tais como a imigração; o fluxo das coisas, como visto nas cadeias de produtos ou artefatos culturais; as manifestações da metáfora, como na noção de flexibilidade de Emily Martin; ou o desenrolar da história, como na busca da memória social ou a trajetória das histórias de vida além-fronteiras.

A etnografia multilocalizada funciona bem em fluxos seguintes, associações e ligações de fronteiras nacionais, mas ainda é marcada por uma reação à antropologia convencional. Assim como a aldeia ou tribo costumava ser uma entidade "natural", agora o "local", ainda que ligado a outros locais, fala por si mesmo como uma essência natural que se revela através da investigação. Abandonando a idéia de um "local" pré-existente, trocamos *locais* por *casos*, isto é, partimos de objetos empíricos naturais para objetos teoricamente construídos. Temos que ser autoconscientes sobre a teoria que trazemos para o local que o transforma em um caso de alguma coisa – neste exemplo, uma fábrica capitalista ou socialista. O que é uma fábrica? O que é uma fábrica capitalista? O que é uma fábrica socialista? Estas não são perguntas inocentes cujas respostas surgem espontaneamente a partir dos dados: elas vêm embaladas em quadros teóricos.

Constituir locais distintos como casos de alguma coisa nos leva a tematizar sobre sua diferença ao invés de sua conexão, que, assim, coloca questões de como essa diferença é produzida e reproduzida – em outras palavras, como as fábricas capitalistas e socialistas são diferentes umas das outras, e, então, como esta diferença é produzida e reproduzida. Em vez da *conexão de locais* para examinar redes ou fluxos, temos a *comparação de casos* constituída com o objectivo de compreender e explicar suas diferenças. Em vez de etnografia *multilocalizada*, temos uma etnografia *multicaso*. Em suma, o "caso" é duplamente constituído: realisticamente pelas forças sociais em que está inserida e os processos sociais que ela expressa, e imaginativamente pela posição que ocupamos e pelo referencial teórico que aplicamos. Só então, quando constituímos o caso, podemos pensar sobre as conexões.

Desta maneira, começamos com fábricas em lugares específicos: uma fábrica nos EUA e uma na Hungria; mas então as fábricas têm de ser constituídas como casos, representativas dos mundos em que estão situadas – o mundo do capitalismo e do socialismo. As fábricas têm que estar enraizadas em seus mais amplos contextos político e econômico, nos sistemas de que são produtos. Este é o primeiro passo: enxergar os micro processos como expressão de macro estruturas. O segundo passo é reconhecer a dinâmica de mudança dentro de cada ordem. Capitalismo e socialismo não são ordens estáticas, mas sociedades dinâmicas e, comparando os dois, temos que prestar atenção em como elas mudam ao longo do tempo – e não apenas ao longo do tempo, mas também pelo espaço. Temos de reconhecer tanto as mudanças que ocorrem dentro das fábricas e da variedade de fábricas que pode ser encontrada em cada sistema – complexidades expressivas do carácter de cada ordem. Assim como não há uma fábrica capitalista singular, também não há uma fábrica socialista singular. De modo que cada caso se dissolve em múltiplos subcasos dos quais reconstruímos o que eles têm em comum, e que os torna parte de uma ordem capitalista ou socialista.

Tanto para a *dimensão realista* de comparação – as forças reais e os processos sociais no trabalho que constituem o caso. Mas há também uma *dimensão construtivista* para a comparação. Qualquer local complexo parece diferente visto de diferentes pontos dentro dele próprio. A fábrica, seja capitalista, seja socialista, parece muito diferente quando tomamos o ponto de vista do gerente ou o do trabalhador, assim como uma aldeia parece diferente vista através dos olhos de Dalits ou de Brâmanes, respectivamente. Como etnógrafos, não temos acesso a alguns pontos de vista arquimediano: estamos sempre inseridos em algum ponto do local, que tem consequências graves para o que vemos. Além disso, uma vez inseridos em um local específico, as competências do etnógrafo desempenham um papel crucial em ditar a forma como ele ou ela é vista e, por sua vez, como eles viam os outros. Alguns atributos são aprendidos e outros são atribuídos, enquanto o contexto específico, gênero, raça e idade afetam a maneira como os outros vêem e interagem com alguém. Eu chamo esta primeira dimensão construtivista de *posicionalidade*. Ao fazer comparações entre fábricas, é importante reconhecer a personificação e a biografia do etnógrafo bem como a localização dele ou dela. Posicionalidade, como veremos, é muito importante para a constituição do caso.

O segundo momento construtivista refere-se ao pressupostos teóricos e estruturas necessárias para dar sentido aos nossos locais. Todos os três momentos – contexto, processo e posicionalidade – estão fortemente saturados com teoria. As categorias do contexto, capitalismo e socialismo, presumem um quadro teórico de algum tipo. A dinâmica de tais sistemas – ou seja, processos sociais – não pode ser examinada empiricamente sem uma compreensão da possível variação interna, e isso requer conceituação prévia. Mesmo chegando a compreender o significado da posição não é simplesmente um problema empírico, uma vez que significado também é carregado de teoria – significado para quê? Na verdade, poderíamos dizer que a teoria é necessária para nos manter firmes dentro do campo, dando-nos pistas sobre nossa posicionalidade. Para colocá-lo de modo mais geral e sem rodeios, o mundo é complexo: não podemos ver nada sem lentes que possa manter o foco. Levamos a campo lentes tão nossas que não percebemos que estamos com elas, mas como os cientistas sociais a nossa tarefa é trazer as lentes à consciência, comparar uma com outra, e desenvolver outras a partir delas, lentes mais destacáveis que chamamos de teoria social, para que possamos continuar com o negócio de estudar o mundo. Teoria é um momento incontornável na descoberta e na constituição da diferença entre o capitalismo e o socialismo.

Tabela 1: Quatro momentos do método multicaso

	EXÓGENO	ENDÓGENO
REALISTA	Contexto	Processo
CONSTRUTIVISTA	Teoria	Posicionalidade

É impossível concentrar-se em todos os quatro momentos da etnografia comparativa ao mesmo tempo, de modo que é necessário proceder momento por momento, mas de tal forma que cada passo responde às anomalias criadas pelas etapas anteriores. Os casos não brotam do nada, como um salto da Fênix das cinzas, mas desenvolvem-se através de aproximações sucessivas. Os estudos do caso húngaro, que tentam lidar com as peculiaridades da consciência socialista da classe trabalhadora e com a organização do trabalho, são baseados na comparação *sincrônica* com o capitalismo. Mudamos de contexto para processo, e de processo para posicionalidade e, finalmente, para a teoria. Os estudos do caso russo são uma análise *diacrônica* da transição para o capitalismo, prosseguindo na direção oposta: do processo ao contexto e de lá para a teoria e, finalmente, para a posicionalidade. Em ambos conjuntos de estudos, a análise realista precede a análise construtivista, mas cada momento sempre pressupõe a necessária existência de outros três momentos. Os dois conjuntos de estudos divergem na ordem em que os momentos são problematizados, mas cada um entra serialmente em diálogo com os outros como, de fato, fazem as duas séries por si próprias.

Tabela 2: Estudo de caso sincrônico / Estudo de caso diacrônico



O etnógrafo não é uma figura solitária, observando os nativos de forma isolada e gravando todos os seus movimentos em seu caderno. O etnógrafo é um diálogo não só com os participantes, mas também com vários informantes e colaboradores, participantes ativos no processo de construção e reconstrução. Aqui, estou aproveitando o enredo de Paul Rabinow "*Reflexões sobre o trabalho de campo em Marrocos*", que traça o diálogo do antropólogo com uma sucessão de

informantes assim que ele mudou-se da periferia para o centro, passando de verdades superficiais para verdades mais profundas (Rabinow, 1977). Em contraste com Rabinow, no entanto, eu não faço nenhuma presunção de acrescentar profundidade quanto mais o etnógrafo se envolve com o colaborador ou adversário, nem há a separação do processo dialógico entre informante e observador do processo científico, que é um segundo diálogo entre teoria e dados – o diálogo dentro da comunidade acadêmica. Eles trabalham juntos: os dois diálogos são eles próprios no diálogo. Do começo ao fim, o diálogo é a essência nessa abordagem reflexiva sobre a etnografia.

1. Procurando pelo socialismo na Hungria

Eu já havia dedicado atenção para a União Soviética e seus satélites na Europa Oriental quando a Polônia foi tomada pelo movimento do Sindicato Solidarnosc³ (de 12 de agosto de 1980 a 13 de Dezembro de 1981). Este foi – ou assim pareceu-me – o primeiro movimento revolucionário da classe trabalhadora que atingiu a sociedade como um todo. Por que deveria ocorrer em uma sociedade "comunista", em vez de em uma sociedade "capitalista"? Eu assisti com espanto o desenrolar do movimento, envolvendo cada vez mais a sociedade polonesa em sua órbita, recusando-se a sucumbir ao partido do governo como outros movimentos tinham feito – a Alemanha Oriental em 1953, a Hungria em 1956, a Tchecoslováquia em 1968. Eu tinha terminado recentemente o livro *Manufacturing Consent* (1979), que procurou demonstrar que a antecipação marxista da revolução da classe trabalhadora sob o capitalismo foi bloqueada não no nível das superestruturas – educação, ideologia, Estado etc. – mas no local de trabalho, isto é, exatamente no local onde se supunha afixar-se.

Minha etnografia do sul de Chicago, baseada em onze meses trabalhando em uma planta da corporação multinacional “Allied”, de 1974 a 1975, obteve um modelo de capitalismo avançado em que "a hegemonia nasce na fábrica" (Gramsci) e o consentimento era produzido pelo próprio modo em que o trabalho era organizado e regulamentado. O trabalho foi constituído como um jogo absorvente que eclipsou as condições de sua própria existência. O mercado interno de trabalho e a maquinária da reclamação acabaram constituindo trabalhadores como indivíduos prontos para jogar, enquanto o estado interno coordenou os interesses destes indivíduos com aqueles que lidavam com a gestão na busca do lucro. Poderia ser que o trabalho foi organizado e regulado de forma diferente na Europa Oriental, tanto que a dissidência ao invés

³ O *Sindicato Autônomo Solidarnosc* (*Solidarność*, em polonês) foi a primeira federação sindical polonesa não-comunista a se instalar num país coordenado pela política do chamado socialismo. Criada em setembro de 1980 por Lech Walesa, foi fundamental na derrubada do socialismo de cunho soviético na Polônia. O governo polonês, na figura do general General Jaruzelski tentou destituir o poder sindical do Solidarnosc com a lei marcial de 1981. Não obstante, em junho de 1989, o sindicato foi fundamental nas eleições abertas, na qual elegeu Lech Walesa como Presidente da Polônia. (Nota do tradutor).

de consentimento foi o produto? Esta foi a pergunta permanente que motivou a minha sucessão de estudos comparativos de fábrica. Começou como uma comparação das minhas próprias experiências nos EUA com os de Miklós Haraszti na Hungria, e continuou como um exame da especificidade da experiência Haraszti como um operário de fábrica, baseada em estudos realizados primeiro por outros e depois por mim mesmo.

Contexto: Capitalismo Avançado versus Socialismo de Estado⁴

Foi com surpresa que, em 1979, eu li *A Worker in a Worker's State* de Miklós Haraszti (Haraszti, 1977). Um dissidente que, em 1971–1972, tinha sido punido pelo Estado com trabalhos forçados, Haraszti transformou isto em seu favor escrevendo um comovente e detalhado relato de suas experiências na Fábrica de Tratores Red Star. Mas foi por acaso que nos encontramos em oficinas mecânicas iguais de empresas produtoras de veículos iguais, utilizando a mesma tecnologia – a matriz familiar de usinas, furadeiras e tornos. Eu era um operador de máquinas diversas, o que significava que me mudava de uma máquina para outra, enquanto Haraszti operava duas usinas. Nós dois trabalhávamos em um sistema de taxa por peça, que pagava os trabalhadores de acordo com o quanto produziam. Não por acaso, a versão húngara do livro foi chamada de “Taxa por Peças”. Além disso, os trabalhadores eram igualmente divididos em "operacionais" como nós que operávamos as máquinas e os "trabalhadores auxiliares" que facilitavam a produção – funcionários, inspectores, motoristas de caminhão, montadores e assim por diante, o que poderia ser a ruína de nossas vidas.

O que era extraordinário para o meu olho capitalista foi a intensidade do trabalho sob o socialismo na Hungria. Estimei que Haraszti estava realmente trabalhando, e supostamente deveria estar trabalhando, duas vezes mais que meus companheiros operadores da Allied. Ele tinha que operar duas usinas ao mesmo tempo, o que era inédito na Allied. Agora havia o dilema: se houvéssemos conquistado um direito dos trabalhadores socialistas, era o direito de não trabalhar tão duro. Ou pelo menos assim acreditava a sabedoria convencional. Pensando bem, havia a concorrência socialista e o movimento stakhanovista⁵ da década de 1930, mas agora, com o pleno emprego, os trabalhadores nunca temeriam a perda do emprego e, assim, teriam um poder

⁴ Esta parte refere-se à análise de M. Burawoy (1980).

⁵ *Stakhanovismo* foi um movimento que nasceu na União Soviética por iniciativa do mineiro Alexei Stakhanov, propugnando um aumento da produtividade operária com base na própria força de vontade dos trabalhadores. Em agosto de 1935, Stakhanov conseguiu extrair 102 toneladas de carvão em um único dia de trabalho, superando em 14 vezes os padrões de extração de carvão. Naquele mesmo ano, em novembro, foi realizada a primeira conferência stakhanovista no Kremlin, com a presença de Stalin. (Nota do Tradutor).

considerável no chão de fábrica. Portanto, por quê Haraszti estava trabalhando muito mais do que eu?

Minha primeira resposta a essa pergunta está na política econômica do capitalismo avançado e do Socialismo de Estado. Eu dissequei a interpretação de Haraszti sobre sua experiência vivida, a fim de compará-la a minha própria. Ele viveu sob o regime opressivo do capataz, do partido e do sindicato, assim como do pessoal mesquinho do clero. Ele foi submetido ao que chamei de "despotismo burocrático". Tudo isso era tão diferente do regime hegemônico na Allied, onde o sindicato era um guardião do Estado de Direito, reforçava o contrato e administrava um mecanismo de queixas que protegia os direitos dos indivíduos. Na Allied, havia um "estado interno", mas isto não se manifestava como o exercício arbitrário do poder que Haraszti enfrentou. Pelo contrário, era uma forma regulamentada de poder que possuía uma certa legitimidade e forçava o consenso com a ordem da fábrica. Além disso, o mercado interno de trabalho deu aos trabalhadores mais velhos a oportunidade de se afastar de chefes odiados simplesmente aplicando para outros trabalhos. Haraszti não tinha uma escapatória desse tipo.

Mas o que Haraszti tinha a temer? Por que trabalhava tanto e como foi forçado a operar duas máquinas ao mesmo tempo? Para responder a esta pergunta, é preciso ir além da ordem reguladora do despotismo burocrático à sua base material: o sistema da taxa por peças. O regime hegemônico em que eu trabalhava garantia um salário mínimo, de modo que se a taxa por um trabalho fosse impossível, nós ainda garantíamos um salário razoável. Esta segurança econômica deu origem a dois tipos de restrição de produção: o *corpo-mole*, quando relaxávamos frente a um trabalho difícil, porque tínhamos a garantia do salário mínimo inatingível se estivéssemos sob a base da taxa por peças; e a *restrição de cotas*, em que coletivamente concordamos em aderir a um máximo de 140 por cento de produção para que a administração não se aproveitasse de "sinecura" ou de trabalhos fáceis. Na Red Star, não havia salário mínimo e nem segurança contra o aumento da produção. Não havia, portanto, *corpo-mole*, mas também não havia restrição de cotas, porque não havia nenhuma lógica ou razão para a fixação das taxas por peças e nenhum incitamento coletivo de limites superiores de produção. Em vez de estabelecer contra-normas para proteger-se da intensificação do trabalho, Haraszti estava indefeso face a ditadura da norma. O despotismo burocrático pulverizou o mercado de trabalho, fazendo com que os salários dependessem de uma batalha contra a norma, assim os trabalhadores não poderiam desenvolver qualquer contra-poder. Na Allied, por outro lado, a segurança era oferecida pelo salário mínimo, pelo seguro-desemprego e por um sistema elaborado de "deslocamento" que protegia os trabalhadores contra demissões gerando uma ordem hegemônica na qual os patrões tinham de persuadir e subornar os trabalhadores, em vez

de coagi-los, no tocante ao desperdício de trabalho. Os trabalhadores foram autorizados a organizar o trabalho como um jogo de "completar", o que tornou a vida no chão de fábrica de cansativa e tediosa em emocionante, com o estatuto e engenhosidade do operador medidos pelo seu sucesso em bater, mas não exceder as metas de produção.

Ao descrever esses regimes de produção, eu também estava explicando suas políticas divergentes. No tocante a hegemonia, os trabalhadores foram constituídos como cidadãos com direitos e obrigações e por causa da existência de recompensas por tempo de trabalho e de negociação coletiva, seus interesses econômicos foram alinhados aos da empresa. Ao invés de inflamar a oposição, o capitalismo explorou o consentimento de seus pelegos. Já no caso do despotismo burocrático, os trabalhadores enfrentaram o poder arbitrário do Estado na forma de um conluio entre patronagem, sindicato e partido. Os trabalhadores reagiram à repressão criando mundos secretos de autonomia e criatividade que pudessem irromper em uma rebelião contra todo o sistema político, como aconteceu em 1953, 1956 e 1968. O Socialismo de Estado, concluí, parecia mais vulnerável à rebelião da classe trabalhadora do que o capitalismo avançado. No ano seguinte, o Solidariedade demonstraria precisamente meu argumento, ou assim parecia.

Processo social: Variações sobre despotismo e hegemonia⁶

Este foi o primeiro passo no desenvolvimento de uma comparação entre o socialismo realmente existente e o capitalismo avançado, ou seja, uma comparação das minhas experiências na Allied e as experiências de Haraszti na Red Star, em que cada fábrica representava seu respectivo tipo de economia política. É assumido que cada sociedade era internamente homogênea e imutável. O próximo passo era explorar as variações do capitalismo e do Socialismo de Estado, a fim de demonstrar se havia alguma base para as afirmações que fiz. Talvez fossem simplesmente duas fábricas anômalas?

A tarefa mais difícil foi determinar se o despotismo burocrático encontrado na Red Star era típico da Hungria socialista, e então porque o Solidariedade ganhou vida na Polônia, em vez de na Hungria, para não falar da União Soviética. Uma segunda tarefa, mais fácil, foi examinar se o regime hegemônico era representante dos EUA, e se a política de produção dos EUA foi predominante entre os países capitalistas avançados. Uma terceira tarefa foi colocar a questão do despotismo: como o despotismo burocrático da Red Star pode ser comparado com o despotismo de mercado do capitalismo primitivo? Foi por aqui que comecei.

⁶ Esta parte refere-se à análise previamente citada em M. Burawoy (1985).

A conceituação de regimes hegemônicos sob o capitalismo avançado e de despotismo burocrático sob o Socialismo de Estado, implicavam num contraste com o despotismo de mercado do capitalismo primitivo⁷. O regime hegemônico foi construído sobre uma suposição dupla: primeiro, que a reprodução da força de trabalho (salários, seguro social etc.) era independente das despesas com mão-de-obra; e, segundo, que o estado-nação impôs limites no modo como o patronato poderia exercer seu poder de estabelecimento de um "estado interno" relativamente autônomo. As comparações entre as linhas de montagem ou processos similares de trabalho no Japão, Suécia, Inglaterra e EUA comprovou a idéia de uma associação do regime hegemônico com o capitalismo avançado, embora a regulação das relações industriais e a extensão do estado de bem-estar deu origem a diferentes tipos de regimes hegemônicos. Mas o que eles compartilharam como regimes hegemônicos os separava do regime despótico do capitalismo primitivo. Aqui, o meu ponto de partida foi a caracterização de Marx acerca da manufatura como uma forma de despotismo de mercado na Inglaterra do século XIX, onde os meios de subsistência do trabalhador era diretamente dependente do dispêndio de trabalho na fábrica, e sujeito ao capricho arbitrário do capataz. Se o estabelecimento do despotismo na Inglaterra do século XIX foi o chicote econômico do mercado, então a fonte do despotismo na Hungria socialista foi o poder burocrático do partido estatal.

Marx forneceu o modelo do despotismo de mercado, mas a realidade da indústria do século XIX era bastante diferente, funcionando através da família patriarcal como um modo de recrutamento e regulação, ou pelo sistema de companhia municipal que assegurava a ligação da comunidade com o local de trabalho, aperfeiçoada pela habilidade do artesão que não poderia ser substituído ao sabor dos ventos. Examinando vários fatores secundários do trabalho na fábrica, eu pude comparar regimes patriarcais e paternalistas na indústria inglesa de algodão com o paternalismo dos moinhos da Nova Inglaterra e os regimes artesanais da indústria têxtil russa. O que distinguia o caso da Rússia pré-revolucionária do despotismo foi a maior presença reguladora do Estado no local da produção, o que criou um objeto claro de luta. Assim como os trabalhadores podiam identificar o Estado como explorador e opressor na Red Star, o mesmo acontecia nas fábricas de São Petersburgo e Moscou. Ambas as ordens repressivas eram, portanto, vulneráveis às lutas insurrecionais pelos trabalhadores.

O despotismo burocrático podia ser vulnerável à organização coletiva dos trabalhadores que ele dominava, mas por que a mobilização real aconteceu na Polônia e não na Hungria? Afinal, a Hungria, e não a Polônia, tinha sido palco da revolta mais dramática dos trabalhadores em 1956. Talvez a Red Star – ou o relato de Haraszti da Red Star – não era uma fábrica

⁷ Eu também jogo o "despotismo colonial" nesta mesma panela, mas não é essencial à história que conto aqui.

típica húngara. Mas como descobrir? Assim como eu sabia que nos EUA, os regimes hegemônicos do setor monopolista coexistiram com regimes mais despóticos do setor competitivo, questioneei, qual foi a variação correspondente numa economia de estado socialista? A contrapartida mais evidente para os setores de monopólio e concorrência do capitalismo avançado era a posição de diferentes empresas no que diz respeito ao planejamento central: a existência de empresas-chave que recebiam mais atenção e mais recursos do que as mais marginais. A indústria pesada tinha tradicionalmente prioridade, enquanto bens de consumo eram subvalorizados. Apesar de não haver nenhuma evidência para sugerir se ou como isso impactou a organização do trabalho e sua regulamentação. Os poucos estudos húngaros que estavam disponíveis, de Héthy e Mako, documentaram um centro e uma periferia dentro da empresa, com os trabalhadores do núcleo tendo uma existência mais privilegiada no chão de fábrica do que os trabalhadores periféricos, que eram muito mais submetidos a dificuldades e intensidade de trabalho. Isso começaria a explicar o porquê de Haraszti, um trabalhador novo e periférico, estava sob tal pressão intensa para produzir.

Examinado melhor o entorno, pudemos revelar que a fábrica de tratores Red Star também estava sob a mira da reforma econômica quando Haraszti estava trabalhando lá. Este monstro de fábrica estava sujeito a restrições orçamentárias mais duras a partir das tentativas de introduzir critérios econômicos em busca da eficiência. A pressão do estado para apertar suas finanças transformou-se em pressão para mais trabalho no chão de fábrica. Aqui estava outra razão pela qual Haraszti poderia estar trabalhando mais do que os trabalhadores em outras fábricas socialistas, assim como os trabalhadores nos EUA. O enigma estava começando a ser desvendado.

Posicionalidade: O trabalhador americano numa fábrica socialista⁸

O livro *A Worker in a Worker's State* intencionava ser uma representação geral de todo o trabalho sob o Socialismo de Estado. Em nenhum momento Haraszti reconhece que sua experiência poderia ser específica em uma determinada fábrica (em crise), em um determinado período de tempo (o início das reformas), em um determinado país (Hungria), nem mesmo em sua determinada posição dentro da fábrica. Até este ponto, eu estava tentando reconstruir a especificidade histórica e local de sua experiência a partir de explorações teóricas e dados secundários. Ainda assim, as evidências eram fracas, então eu decidi examinar a questão arranjando um emprego em uma fábrica húngara. É claro, isto aconteceria uma década mais tarde, mas mesmo assim valeu a pena o esforço.

⁸ Esta parte refere-se à pesquisa previamente citada na Parte I de M. Burawoy e J. Lukács (1992).

Fascinado pelo desenvolvimento do movimento do Solidariedade, que parecia apoiar as conclusões do meu primeiro ensaio sobre *A Worker in a Worker's State*, eu planejei uma ida à Polônia. Até o momento eu tinha conseguido garantir a licença, no entanto, e comecei a aprender polonês, quando General Jaruzelski já tinha aplicado o seu golpe e o Solidariedade passou à clandestinidade. Em vez disso, eu prontamente aceitei o convite de Ivan Szelenyi para acompanhá-lo na Hungria no verão de 1982 – sua primeira viagem de volta desde que esteve exilado na Austrália. Coincidentemente, sua expulsão foi em parte devido ao seu papel na publicação do livro de Haraszti. Foi durante essas duas semanas que tomei conhecimento sobre o florescimento húngaro da sociologia do trabalho e dos mercados de trabalho. Voltei no verão seguinte por seis meses, aprendendo húngaro e trabalhando primeiro em uma fazenda do estado que produzia champagne e depois para uma cooperativa agrícola em uma pequena loja de tecidos. Durante este período, comecei a minha colaboração com János Lukács, então um jovem sociólogo industrial no Instituto de Sociologia da Academia de Ciências.

Foi no verão seguinte (1984) que eu consegui um emprego como operador de máquinas em Banki, uma planta semelhante à Allied e à Red Star. Não foi fácil conseguir a posição, já que o destino da classe operária era talvez o segredo do Socialismo de Estado mais fortemente vigiado. Embora não muito entusiasmado, o diretor da empresa estava disposto a compactuar com a idéia de meu trabalho no chão de fábrica, enquanto todas as autoridades endossaram o projeto. A Academia de Ciências apoiou a minha solicitação, e Lukács utilizou um contato no Comitê Central para garantir o apoio do partido. Foi um processo tortuoso, mas no final a permissão foi concedida. Eu pude entrar na morada oculta da produção socialista. Lembro-me do olhar de alegria no rosto do superintendente da planta quando lhe foi dito para me dar um emprego. Ele me levou a uma velha furadeira radial que ninguém havia usado. Logo aprendi o porquê: não era apenas velha, mas perigosa. Eu nunca tinha operado uma furadeira radial na minha vida, mas por dois meses, foi o que tentei fazer.

Muito do que eu tinha deduzido de Haraszti e dos poucos sociólogos industriais que tinham estudado o trabalho era verdade. O partido, o sindicato e o patronato estavam em conluio, embora não tinham necessariamente a presença opressiva descrita por Haraszti. Quando tentei registrar uma queixa com o sindicato pelo não pagamento de horas extras, todos riram de mim. E sim, o sistema de taxa por peça funcionava tanto quanto Haraszti havia descrito, sem salário segurança. As taxas não eram fáceis, pelo menos para mim, mas elas estavam longe de ser tão apertadas como tinham sido na Red Star, que reforçou a minha suposição de que a Red Star foi de fato vítima das reformas econômicas do período pós-1968 imediato.

A diferença mais notável foi a nossa concepção das relações sociais no chão de fábrica. Haraszti pintou um quadro de indivíduos atomizados, e aqui eu acho que ele estava projetando a sua própria colocação (irrefletida) dentro da fábrica. Como um dissidente, judeu e intelectual, ele foi evitado por seus colegas de trabalho. Fora jogado em concorrência com eles, era governado por eles, e certamente não era um deles. Pensando bem, eu não era um deles também – mas a minha estranheza tinha um apelo. Eles riram de meu inepto húngaro e da minha incompetência como operador de máquina, assim fui acolhido como um estrangeiro exótico. Poucas horas depois de chegar ao chão de fábrica, eu estava rodeado por trabalhadores me perguntando sobre os EUA. Do meu ponto de vista, eu podia ver e experimentar a cooperação espontânea que fez possível a produção na fábrica socialista.

Aqui, eu me debrucei sobre a obra do grande economista húngaro János Kornai e sua teoria da economia socialista como uma economia de escassez. Em uma economia de (re)distribuição centralizada, o patronato continuamente barganhava com o Estado por recursos, o que fazia com que estivessem sempre em falta. Mas Kornai não era daqueles que cairiam numa falsa comparação. Ele entendeu que as economias de mercado têm seus próprios desequilíbrios, não na direção da escassez mas do excedente. Cada economia tinha sua (ir)racionalidade própria – uma limitada pela oferta, outra pela demanda. Isso explicava muita coisa, pois para ser eficaz, a organização do trabalho socialista tinha de improvisar face a flutuabilidade da quantidade e qualidade dos insumos, por um lado, e a pressão por plano de metas do outro. Eu vi tal cooperação flexível ao meu redor em Banki e, curiosamente, sua organização do trabalho era muito mais eficiente do que na Allied, onde os motores incompletos eram enfileirados nos corredores e onde a gestão estava sempre exigindo que os “hot jobs” – uma espécie de trabalho às pressas – prevalecessem sobre todo o resto.

Na verdade, eu concluí que Banki mais parecia o estereótipo de um local de trabalho capitalista, enquanto a Allied exibia características do estereótipo do local de trabalho socialista! A razão reside no caráter de uma empresa multinacional capitalista, que é em si uma economia planificada gerando sua própria escassez interna. Havia um enraizamento reverso – uma empresa corporativa dentro de uma economia de mercado nos EUA, e uma empresa mercantilizada dentro de uma economia corporativa na Hungria. Assim como as empresas americanas compensavam as exigências do mercado com burocratizados mercados internos de trabalho, as empresas húngaras experimentavam o direcionamento mercantil dentro dos sistemas de contratação, a fim de atingir as exigências do planejamento central.

Do meu ponto de vista sobre a produção, eu podia ver mais claramente as diferenças e semelhanças entre a produção capitalista avançada e a produção socialista de estado. O relato

de Haraszti não fez qualquer tentativa de comparar o trabalho socialista e capitalista, mas visava o fosso entre ideologia e realidade – entre o paraíso dos trabalhadores projetado pelo Estado, e a realidade vivida no chão de fábrica. Ainda assim, mesmo que a experiência no chão de fábrica era pintada em moldes que a biografia de Haraszti não revelou, sua incorporação nos desacordos com seus colegas de trabalho gerou uma diferença que o separava da comunidade da classe trabalhadora. Dedicado a desmascarar a ideologia do estado, ele não tinha interesse na peculiaridade de sua própria experiência, provocada pela situação econômica da Red Star. Minha própria diferença, por outro lado, trouxe-me à comunidade para que eu pudesse, com a ajuda das minhas experiências na Allied, explorar a especificidade da produção do estado socialista.

Teoria Extensiva: O Marxista Ocidental encontra o Dissidente Oriental⁹

A última etapa da minha odisséia húngara levou-me para o coração da classe trabalhadora – para a Lenine Steel Works, situada na cidade industrial de Miskolc. Entre 1985 e 1988, trabalhei lá como operador de fornalha em três ocasiões, que somaram cerca de um ano no total. A importância da autonomia do chão de fábrica em face a economia de escassez era ainda mais evidente aqui, na produção de aço de alta qualidade. Novamente trabalhando com Lukács, que passou um tempo entrevistando o patronato, observou-se o choque de dois princípios: regulação burocrática da administração disputando com a colaboração espontânea dos trabalhadores. Frequentemente observamos como a interferência da alta administração interrompia a capacidade da fábrica para se adaptar à qualidade flutuante de materiais e das máquinas não-confiáveis. Quando eu e Lukács relatamos nossas descobertas para a administração, uma reunião do partido foi convocada na qual nossa pesquisa foi difamada e nos disseram para fazê-la novamente.

Firmemente integrado na Brigada da Revolução Socialista de Outubro, eu estava apto a concentrar-me na consciência de classe dos trabalhadores socialistas. Novamente, isto não era uma questão de muita preocupação para Haraszti, mas sua própria perspectiva como um dissidente não era muito diferente dos meus colegas de trabalho. Compelidos a participar de rituais que proclamavam que o socialismo deveria ser justo, eficiente e igualitário – o que chamei de “socialismo pintado” – eles estavam muito cientes das injustiças, ineficiências e desigualdades que permeavam suas vidas. Isso os levou, assim argumentei, a abraçar a idéia do socialismo, mas como uma crítica imanente do partido estatal que governava suas vidas. Finalmente, eu estava me aproximando da questão do movimento Solidariedade – a questão que me trouxe para a Hungria!

⁹ Esta parte refere-se à pesquisa previamente citada na Parte II de M. Burawoy e J. Lukács (1992).

Eu trabalhei com a teoria de Konrad e Szelenyi (1979), que considerava o Socialismo de Estado como um sistema de apropriação e redistribuição central de bens e serviços, um sistema no qual os intelectuais desempenham um papel fundamental na definição das necessidades da sociedade a serem atendidas no plano. Justificando a dominação e exploração aberta e transparente, o Socialismo de Estado tinha um problema de legitimação, e um sistema que exige legitimação é sempre vulnerável a ser responsabilizado pela sua ideologia. O Socialismo de Estado é vulnerável à crítica imanente, exigindo que o partido estatal viva de acordo com as suas promessas. Enquanto Haraszi dispensava cinicamente toda a empresa, os trabalhadores exigiam os proclamados frutos do socialismo. Por este prisma, o Solidariedade não foi uma tentativa de derrubar o Estado, mas para forçar o Estado a levar a sério sua própria ideologia. E o fez mantendo distância do Estado opondo-o com uma crescente e autorregulada sociedade civil.

Mas o enigma permanece: por que a Polônia e não a Hungria? Aqui a questão não era tanto da classe-em-si tornar-se uma classe-para-si, isto é, a questão capitalista de conscientização, mas sim a questão oposta: como a consciência de classe poderia se tornar uma força material. Na Hungria, o desenvolvimento de uma economia de mercado para compensar as disfunções de planejamento – as cooperativas, tanto dentro como fora da produção – levou a um individualismo competitivo. Na Polônia, por outro lado, o menor desenvolvimento da economia secundária, de um lado, e o guarda-chuva da Igreja Católica, por outro, criou a propensão e os recursos para a mobilização coletiva.

Como eu estava ocupado trabalhando nas condições para um desafio da classe trabalhadora ao Socialismo de Estado e as possibilidades de uma transição para o socialismo democrático, a história teve a sua vingança. O socialismo na Hungria não capitulou a partir de baixo, mas entrou em colapso a partir de cima, e a transição não foi em direção ao socialismo democrático, mas para o capitalismo de mercado. Isto não aconteceu sem resistência. Minha participação no comitê da Brigada da Revolução Socialista de Outubro foi parte de um esforço para ressuscitar o sistema de conselho que tinha surgido em 1956, transformando a luta contra a privatização em uma luta pelo controle operário da indústria. E meu colaborador, János Lukács, inspirado pelo que viu sobre planos de compra de ações por empregados (ESOP's) nos EUA, tentou introduzir uma legislação que favoreceria os trabalhadores a assumirem suas fábricas. Mas no final tudo isso foi em vão, assim que o patronato agarrou as partes rentáveis das empresas socialistas deixando o resto para ser subsidiado pelo estado.

Eu e os trabalhadores que estavam a minha volta estávamos completamente despreparados para a transição para o capitalismo, precisamente porque estávamos totalmente focados na

produção. O jogo da transição estava sendo jogado no nível político, lenta mas seguramente, trazendo em seu vagão a privatização e conseqüências devastadoras para as Lenin Steel Works, bem como para muitas outras indústrias. A Lenin Steel Works iria desintegrar-se lentamente ao longo de dez anos para se tornar uma anã negra, enquanto Banki seria completamente reconstruída pelos seus parceiros alemães. Revisitando a última em 1999, descobri que a velha fábrica socialista cinzenta, barulhenta, oleosa e suja tinha sido transformada em uma planta de alta tecnologia brilhante e polida operada por técnicos cuidadosamente paramentados, máquinas como controle numérico cirúrgico com um zumbido quase inaudível.

Como eu poderia ter sido tão cego? Como marxista, eu vim para a Hungria, em busca das potencialidades do socialismo, mas agora eu enfrentava a inesperada transição para o capitalismo. Para me ajudar a descobrir estas potencialidades, eu havia comparado o Socialismo de Estado com o capitalismo, nunca imaginado que um poderia se tornar outro! Pensando bem, eu havia reconstruído o marxismo para acomodar o passado - uma revolta da classe trabalhadora sob o Socialismo de Estado. Eu tinha reconhecido que, enquanto o capitalismo poderia se apropriar do consentimento dos trabalhadores, o Socialismo de Estado era muito mais frágil, e o era tanto que não gerava discórdia. No final, no entanto, foi a perda da fé da liderança do partido em sua própria ideologia, que resultou na queda do edifício socialista e a imposição do capitalismo.

Enquanto a teoria era indispensável para a análise comparativa, também limitava o que eu poderia enxergar. Haraszti sofreu um destino similar. Ele também revisou sua teoria do Socialismo de Estado na década de 1980 (Haraszti, 1987). Ele então via o Socialismo de Estado não como uma ordem repressiva, mas como um panóptico de forma mais suave em execução, absorvendo, em vez de punir os dissidentes. Os dissidentes já não eram executados, presos, exilados ou mesmo enviados para trabalhos forçados. Eles foram monitorados, dando-lhes espaço para fazer suas críticas - um mecanismo muito mais poderoso e eficaz de controle. Como eu, Haraszti não previu o colapso desta ordem, e como eu, ele havia investido fortemente no Socialismo de Estado: sua identidade como um dissidente valeu para a sua existência. Na sequência, ele tornou-se menos estranhado do que eu. Como outros intelectuais dissidentes, ele iria entrar na política, mas, como em tantos casos, isso não durou muito tempo. Ele nasceu para ser um dissidente, assim como eu nasci para ser marxista!

2. O trauma da transição capitalista na Rússia

Enquanto todos os olhos estavam voltados para a desintegração do Socialismo de Estado na Europa Oriental, a minha atenção se voltou para a União Soviética, que, no fluxo total da *perestroika* e da *glasnost*, foi abrindo-se ao olhar sociológico. Eu havia estado na União

Soviética por cinco ocasiões durante os anos 1980 – em duas conferências sobre a história do trabalho nos EUA e na União Soviética e em três viagens extraordinárias com Erik Wright para lançar uma versão soviética de sua pesquisa sobre estrutura de classes. Era muito claro para mim que a União Soviética era politicamente inóspita para estudos etnográficos e, mais ainda, que isto era algo que os sociólogos soviéticos jamais levariam a sério. Simplesmente não era ciência. Eu era muito cético, portanto, quando recebi um convite, enquanto estava em licença sabática na Hungria em 1990, para passar 10 dias no rio Volga, palestrando para um grupo de sociólogos industriais. Ainda assim, eu aceitei, sem nunca ter sequer visto o Volga e sempre à procura de novas aventuras, para não mencionar a distração concedida a partir do descalabro em curso na Hungria de transição para o capitalismo. Como se viu, foi politicamente corajoso da organizadora, Nina Andreenkova, a deixar-me (e outros três cientistas sociais dos EUA) solto entre os cerca de 130 sociólogos e dirigentes de pessoal a partir de um conjunto diversificado de organizações, incluindo plantas militares, de toda a União Soviética.

Foi nesse barco, apropriadamente chamado de Gogol, que eu conheci Kathryn Hendley, então uma estudante de pós-graduação de ciência política, em Berkeley, e Pavel Krotov, um sociólogo de Syktyvkar, capital da República de Komi, no extremo norte da Rússia europeia. Com Kathie, eu iria colaborar em um estudo sobre uma fábrica de borracha soviética, conhecida como Kauchuk, durante o inverno seguinte (1991), e com Pavel eu desenvolveria uma parceria de dez anos, estudando a transição capitalista em Komi. O referencial teórico que eu tinha desenvolvido na Hungria, serviu contra todos os tipos de desafios da guerra civil que descobrimos em Kauchuk. O estudo dos processos internos da mudança social em uma fábrica de Moscou foi seguido no final da primavera por um estudo da indústria madeireira em Komi, começando com a minha própria observação como participante em uma fábrica de móveis em Syktyvkar. Aqui, Krotov e eu olhamos com mais atenção para o caráter da transformação da economia como um todo – uma mudança para o que chamamos de “capitalismo mercantil”. Na década que se seguiu, reuni-me com outros sociólogos em Komi, principalmente com Tatyana Lytkina, para examinar o processo de involução econômica e social e como isso afetou a vida familiar. Isto chamou-nos para uma grande revisão do quadro teórico – uma mudança de Marx para Polanyi. Eu deixaria Komi com um gemido ao invés de um estrondo, assim que a minha atenção se voltou novamente para o destino da sociologia nos EUA.

Processo Social: Entre a Perestroika e a Privatização¹⁰

¹⁰ Esta parte baseia-se na pesquisa previamente citada em M. Burawoy e K. Hendley (1992).

Minha introdução à vida da classe trabalhadora no socialismo húngaro veio através do relato do brilhante Miklós Haraszti; minha introdução à paisagem soviética foi mais dramática e visceral. Juntamente com Kathie Hendley, eu estava mergulhado em uma velha empresa política: Kauchuk, uma fábrica de borracha que tinha começado a produção em 1915. Chegamos lá em janeiro de 1991, quando a Rússia já havia mergulhado na crise política. O partido tinha renunciado formalmente a seu monopólio do poder político, e as repúblicas bálticas, inspiradas pelo caminho percorrido na Europa Oriental, foram afirmando a sua autonomia. A luta entre Yeltsin e Gorbachev, entre a Federação Russa e a União Soviética, foram se intensificando. De um lado, você tinha as forças para a privatização e para a economia de mercado, enquanto de outro você tinha *apparatchiki* ainda investindo na continuidade da economia planificada. A crise que tomou a União Soviética tornou-se uma falha geológica que atravessa a própria Kauchuk.

A forma da entrada sempre diz muito sobre o lugar que estamos adentrando. Seja por causa da mudança dos tempos ou por causa das especificidades soviéticas, acessar Kauchuk era muito diferente do que tinha sido o acesso às empresas húngaras. Neste último caso, Lukács tinha que conseguir o apoio de uma série de autoridades poderosas do Estado e do partido, nacional e local, bem como do patronato empresarial. Aqui, garantimos o acesso através de um acordo firmado entre nós e a liderança sindical. Se fornecemos computadores para seu jardim da infância, então poderíamos ter carta branca no acesso a empresa e a seu pessoal. Então foi o que fizemos, não obstante a oposição dos padrões soviéticos. E com a assertividade de um advogado corporativo, Kathie adquiriu-nos acesso a quase tudo o que desejamos. Até para minhas descrenças, nós entramos nas reuniões matutinas de planejamento, onde todos os gestores se reuniam para discutir o estado da empresa, os gargalos, as repartições. A disfuncionalidade da empresa soviética fora explicitada para nós – até que fomos banidos dessas reuniões.

Desse ponto de vista privilegiado, Kauchuk parecia muito diferente das empresas húngaras que eu tinha estudado. Primeiro, eu tinha finalmente tropeçado na verdadeira economia de escassez. Kornai insistiu que, com reformas ou sem reformas, as empresas socialistas sofriam de escassez, mas há escassez e escassez. Elas não eram tão palpáveis nas empresas húngaras, mas Kauchuk estava plena de escassez, não menos por causa da infra-estrutura soviética em colapso e sua dependência de materiais de todas as partes da União Soviética. O gerente de suprimentos estava sendo regularmente vilipendiado nas reuniões de planejamento e permaneceu o mistério, não só como ele sobreviveu nessa posição, mas também como ele de fato garantiu os suprimentos básicos durante o inverno de 1991. Nós finalmente

conseguimos entrevistá-lo, mas sendo um cliente astuto e artiloso, ele não deu nenhum segredo de seu comércio.

De certa forma, a turbulência externa extrapolou as patologias das empresas soviéticas e, no entanto, paradoxalmente, ao mesmo tempo ela também extrapolou o oposto – os momentos empreendedores da empresa húngara. A turbulência na economia em geral aprofundou o problema da escassez, mas igualmente criou a oportunidade para uma complexa rede de cooperativas que prosperaram no interior da concha de proteção da empresa formal. A economia secundária húngara – as cooperativas internas de contratação – estava tranqüila, transparente e contida em relação ao empreendedorismo selvagem que observamos em Kauchuk. Todos os setores da fábrica continham suas próprias cooperativas ou mesmo “pequenas empresas” (como eram chamadas), onde o verdadeiro dinheiro era gerado. O afunilamento de trabalho, a maquinária, os materiais e contatos sociais em seus empreendimentos, os gestores escolhidos e os trabalhadores selecionados foram capazes de fazer o corte nos custos da empresa oficial. Eu tinha visto tudo isso na Lenin Steel Works, mas só depois de 1989. Na Kauchuk, vimos essa privatização espontânea de baixo no interior da erosiva economia soviética. Embora, é claro, não sabíamos que o colapso daquela ordem estava logo ali na esquina.

A transformação econômica interna da Kauchuk se refletiu em cismas que feriram diretamente sua superestrutura política. Os gerentes não conseguiram esconder de nós a guerra aberta entre o diretor e seus capangas, de um lado, e os técnicos mais jovens e os engenheiros, de outro. A velha guarda, ligada aos ministérios, defendeu resolutamente a ordem de planejamento soviético, enquanto os jovens turcos defendiam o penetrante sistema de mercado e, o que foi um reflexo político do mesmo projeto, a autonomia da Federação Russa frente a União Soviética. Testemunhamos reuniões públicas em que os jovens turcos atacaram a acumulação privada do diretor (através das cooperativas), enquanto o diretor e os seus correligionários denunciaram o anterior de sabotar a empresa para perseguir suas próprias carreiras. Como o guardião da paz, o aparato partidário dentro da empresa já havia efetivamente dissolvido. Nada poderia conter a luta externa para o controle da empresa. Eu já tinha visto os trabalhadores usando táticas de guerrilha no chão de fábrica húngaro, mas esta foi a primeira vez que eu tinha visto duas alternativas de sistemas político-econômicos disputando o poder dentro de uma única empresa.

Esta foi a minha introdução à economia soviética. Ficamos lá por dois meses antes de me mudar para fora de Moscou e caminhar para o norte da República de Komi, onde comecei inesperados dez anos de pesquisa sobre os processos e repercussões do declínio econômico.

Contexto: Do Capitalismo Mercantil para a Involução Econômica¹¹

Eu obtive um emprego na Polar Móveis em 1991 através de um percurso bastante sinuoso. Pavel Krotov, que conheci na Gogol, foi o primeiro sociólogo soviético que eu tinha encontrado que exibiu o instinto etnográfico. Vindo de uma família muito pobre, ele conhecia a vida dos oprimidos e ele próprio estava disposto a explorá-la. Um de seus amigos era um empresário coreano que deixou recentemente a academia, como tantos na última fase da *perestroika*, para abrir um pequeno negócio. Ele, por sua vez, era um bom amigo do jovem líder da Federação do Trabalho da República – parte de uma nova geração de políticos que chegaram ao poder após a queda da União Soviética. Foi através dos escritórios do sindicato oficial que Pavel e eu passamos um mês visitando todas as principais empresas da cidade. Nós nos demos bem com o gerente de Recursos Humanos da Polar Móveis, enquanto nos mostrava seu novo modelo de fábrica, que fabricava placas de parede – o mobiliário básico encontrado em todos os apartamentos soviéticos. Então perguntamos se eu poderia trabalhar lá. O velho que era o diretor – uma figura conhecida do público – riu e disse: por que não? E assim comecei a trabalhar lá, mais uma vez com a furadeira, enquanto Krotov conversava com a gerência por dois meses críticos – Maio e Junho de 1991; e depois passamos um mês tentando construir as ligações entre as diversas empresas da indústria madeireira de Komi.

Por estar no coração do sistema soviético e dependente do fornecimento de todo o país, a Kauchuk era muito mais vulnerável às turbulências da economia. A Polar Móveis, por outro lado, situada na periferia, foi capaz, pelo menos por um curto período de tempo, de capitalizar a desintegração do sistema de planejamento. O patronato formou um bloco unificado, inteligentemente tirando vantagem da nova incerteza. Espaços de manobra abriram-se com o evaporação do poder das agências de planejamento central. A Polar tinha muitas vantagens: ela estava bem situada no consórcio local de madeira que organizou a indústria local e dependia do abastecimento local de madeira e outros materiais, e tinha o monopólio sobre a produção de um item de consumo necessário – placas de parede. Enquanto a vida no chão de fábrica ainda estava sujeita a escassez, e eu presenciei muitos momentos de paralisação da produção, bem como as correiras de fim-de-mês, não havia o caos da Kauchuk. Na verdade, havia uma negociação entre os trabalhadores e a administração. Os vários setores assumiram responsabilidades para atingir as metas, enquanto a administração era responsável por garantir que os suprimentos chegassem, para os quais tinham um bem

¹¹ Esta parte refere-se à pesquisa previamente citada em M. Burawoy e P. Krotov (1992); M. Burawoy e P. Krotov (1993); e M. Burawoy (1996).

precioso para troca – ou seja, placas de parede. A administração usava as placas de parede para trocar pelo abastecimento de madeira, por verniz ou qualquer outro material necessário, mas também por lugares em acampamentos de verão para os filhos dos trabalhadores ou por açúcar, que estava em sistema de racionamento.

Como a superestrutura política do Socialismo de Estado havia fenecido, e como o sistema de distribuição centralizado havia desintegrado-se, as empresas tiveram que se defender por si mesmas, e aquelas que podiam exploraram suas posições de monopólio no mercado emergente. O horizonte no tempo encolheu e ninguém estava pensando em investimento de capital, mas eles estavam se voltando ao capitalismo primitivo, pré-burguês com base no espólio, na aventura, na especulação, ou na pirataria. Em vez da acumulação de capital, encontramos o desmembramento de ativos. Como Max Weber insistiu, um capitalismo – ou o que chamamos de capitalismo mercantil – que busca o lucro na troca ao invés de buscá-lo na produção, realiza uma revolução longe do capitalismo burguês moderno. Sim, o mercado estava passo-a-passo substituindo o mecanismo de planejamento, mas com consequências desastrosas.

O colapso da União Soviética no final de 1991 só consolidou os efeitos perversos do mercado. No início de 1992, os preços foram liberados e a inflação astronômica foi o resultado imediato, alimentando o escambo e a invenção de novas moedas. A privatização do *voucher*, representada como uma forma democrática de compartilhar a riqueza pública, provou ser um sistema pacífico e eficaz de saque para os poderosos. No verão de 1992, fomos até às minas de carvão de Vorkuta, local das greves em 1989 e 1991, que juntamente com os mineiros da Sibéria e da Ucrânia teve um papel importante na redução da cortina sobre a União Soviética. Lá, um sindicalista fervoroso tomou conta dos trabalhadores. Eles pensaram que a demolição do partido estatal e sua tomada das minas iriam instalar uma nova ordem de plenitude. Em vez disso, eles se tornam vítimas do fechamento das minas assim que o carvão se tornava mais caro com o preço espiral do transporte, e assim que a demanda por carvão caiu com o colapso da indústria metalúrgica. De 1991 a 1998, a economia russa parecia estar em queda livre. Os únicos setores dinâmicos envolviam recursos naturais (gás e petróleo) e o reino do câmbio, onde a máfia, os bancos ou os novos atravessadores estavam devorando o resto da economia. Não havia nem revolução, muito menos evolução, mas uma involução econômica, um esvaziamento gradual da produção por troca. Foi um processo de desacumulação primitiva.

Para sublinhar a extensão em que a transição para o mercado foi catastrófica, eu explorei ainda mais além da fábrica, comparando as transições russa e chinesa. De fato, meu conhecimento sobre a China era limitado, mas o argumento pareceu-me convincente. A transição da Rússia para o capitalismo era uma réplica de sua transição anterior para o socialismo –

dominada pela intenção revolucionária. Economistas ocidentais também pregavam a transição mais rápida possível – *big bang* ou terapia de choque – para evitar qualquer reação política contra o mercado. A transição para o capitalismo bolchevique defendeu a destruição mais rápida de tudo o que era socialista, especificamente todas as alavancas de controle central, no pressuposto de que o mercado ascenderia como uma fênix das cinzas do comunismo. Mas não há transição do mercado para uma economia de mercado sem a criação de instituições de apoio (financeira, jurídica e de infra-estrutura). Esta foi a lição da China, onde uma economia de mercado foi incubada sob a supervisão do partido estatal. Se na Rússia houve uma transição sem transformação, na China, houve uma transformação sem transição.

Teoria: De Marx a Polanyi¹²

Estudar uma pequena fábrica de móveis no norte da Rússia e dali tirar conclusões sobre a transição para o capitalismo pode parecer absurdo para aqueles que pensam que a ciência social procede através da indução do fato para a teoria. Se, no entanto, reconhecemos que os fatos são sempre carregados de teorias, e que, portanto, devemos começar pela teoria, então a ciência progride através da reconstrução da teoria. Temos que ser autoconscientes sobre a teoria que carregamos em nossos estudos. Comecei com uma teoria, desenvolvida em minha pesquisa na Hungria e antes disso também nos EUA e na Zâmbia através do diálogo (real e imaginário) com outros, tais como Szelenyi e Kornai, de como o sistema econômico soviético funcionou. A Kauchuk e a Polar Móveis tornaram-se o veículo para estender esta teoria para a transição a economia de mercado. Em outras palavras, a teoria constitui o caso, e o caso, por sua vez ajuda a reconstruir a teoria.

No entanto, a teoria com que trabalhei era manifestamente marxista, com foco na economia política do Socialismo de Estado. De Szelenyi eu tinha elaborado o caráter de classe do Socialismo de Estado, com base em “redistribuidores teleológicos”, que se apropriou e depois redistribuiu o excedente de forma transparente. Estes distribuidores – ou planejadores, se preferir – precisavam de uma ideologia justificadora, que por sua vez, construía a crítica imanente. O capitalismo escondeu suas práticas de exploração e assegurou a coordenação dos interesses entre as partes conflitantes. Sua dominação tornou-se uma hegemonia baseada no consentimento dos trabalhadores e intelectuais. O Socialismo de Estado, por outro lado, tinha que legitimar sua apropriação central, sua exploração descarada. Portanto, sempre enfrentou uma potencial crise de legitimação que ameaçou derrubar o sistema como um todo. O Socialismo de

¹² Esta parte refere-se à pesquisa previamente citada em M. Burawoy, T. Lytkina e P. Krotov (2000), e na análise feita em M. Burawoy (2001).

Estado foi sempre uma ordem frágil, razão pela qual recorria frequentemente à força. O sucesso do sistema húngaro estava no esforço de construir a hegemonia acerca e em apoio da legitimação.

De Kornai, eu desenvolvi o carácter distintivo do trabalho e sua regulamentação. Uma economia de escassez necessita de uma especialização espontânea e flexível no chão de fábrica que deu origem a solidariedades que poderiam abastecer um movimento da classe trabalhadora contra o Socialismo de Estado. Eu estava, obviamente, errado. O Socialismo de Estado dissolveu-se a partir de cima, e não por baixo. Os próprios legitimadores já não acreditavam em sua própria legitimação, e perderam a confiança na capacidade do partido estatal em cumprir suas promessas socialistas. Como ratos, fugiram do navio afundando para um outro imaginário, arrastando com eles uma população que também foi vítima de suas próprias alucinações.

Esta teoria marxista revista poderia fazer sentido no colapso da velha ordem – as verdadeiras forças de produção tinham colidido com as relações de produção, uma colisão mais forçosamente sentida pela direção política. Mas a teoria marxista teve maior dificuldade em fazer sentido com a gênese da nova ordem capitalista, especialmente desde que a produção industrial desapareceu completamente. Com o desencadeamento das forças do mercado, o que estávamos observando em Syktyvkar foi o retiro para uma economia de troca, reciprocidade e produção familiar. A estratégia de pesquisa teve que mudar drasticamente. Em vez de trabalhar no chão de fábrica com Krotov entrevistando os gerentes, concentrei-me nos trabalhadores que estavam perdendo seus empregos, tentando compreender como eles estavam sobrevivendo. Juntei-me a uma brilhante entrevistadora, Tatyana Lytkina, e juntos visitamos as famílias daqueles que tinham trabalhado na Polar Móveis e em uma fábrica de roupas local. Nós aprendemos a importância das redes sociais de troca, recursos políticos que receberam benefícios do Estado, principalmente pensões, e da importância econômica da produção de subsistência. As mulheres tornaram-se o centro da produção familiar, e os homens tornaram-se parasitas. Os homens eram mais propensos a terem perdido seus empregos assalariados e estavam particularmente mal preparados para fazer qualquer outra coisa, enquanto as mulheres mantiveram os seus postos de trabalho no serviço e no varejo, e foram muito mais capazes de se adaptar às exigências de uma economia de escambo – que herdou as habilidades do Socialismo de Estado, e eles ficaram com a responsabilidade de cuidar das crianças. A história é similar em diferentes partes do mundo que estão passando por ajustes estruturais.

A transição de mercado exigiu um novo corpo teórico e por isso debruçei-me sobre o trabalho de Karl Polanyi, figura-chave em estudos de transição. *The Great Transformation* tratou dos perigos do fundamentalismo de mercado – a visão de que se deixado agir por si mesmo, o

mercado poderia resolver todos os problemas econômicos. Polanyi argumentou que quando certas entidades – terra, trabalho e dinheiro, em particular – são totalmente mercantilizadas, já não podem mais desempenhar a sua função. Os valores de troca destroem o valor de uso: quando a terra mercantilizada não puder mais suportar a agricultura, os trabalhadores não poderão contribuir com seu trabalho, e o dinheiro não mais servirá como um meio de troca. Os mercados não podem sobreviver se não forem incorporados nas relações sociais que regulam e sustentam a mercantilização.

Se esse é o princípio geral, o poder de *The Great Transformation* está no seu tratamento histórico da sociedade de mercado. Primeiro, Polanyi mostra o papel crucial do Estado na criação e, em seguida, no sustento do capitalismo de mercado na Inglaterra do século XVIII e XIX. Em suma, não há um caminho mercantil para uma economia de mercado. Segundo, se as forças do mercado não estão regulamentadas, justamente porque elas ameaçam a própria existência da sociedade, já geram uma reação – uma reação que assume diferentes formas em diferentes sociedades. Assim, Polanyi afirma que o movimento contra-revolucionário no século XIX, foi em grande parte a revolta espontânea do trabalho – o desenvolvimento de sindicatos, cooperativas e sociedades de amigos, e o movimento de fábrica para limitar a duração da jornada de trabalho. No século XX, o movimento gira em torno do estado-nação, reagindo aos mercados globais: a social-democracia na Escandinávia, o *New Deal* nos EUA, mas também o fascismo na Itália, Espanha e Alemanha, a coletivização stalinista e o planejamento sindical na União Soviética. Para Polanyi, as reações ao mercado podem facilmente minar as liberdades da democracia liberal, e aqui reside seu perigo. *The Great Transformation* enunciou os perigos do credo liberal, o que agora chamamos de neoliberalismo. Qual é, então, o caráter da segunda (ou terceira?) grande transformação?

Qual melhor argumento do que *The Great Transformation* para explorar as conseqüências da transição ao mercado na Rússia? Trabalhando com a teoria de Polanyi, eu questioneei, que tipo de contra-movimento para o fundamentalismo de mercado que a Rússia apontava? Todas as minhas pesquisas apontaram para a ausência de um contra-movimento de baixo para cima: a classe trabalhadora havia sido dizimada e sua moral deflacionada. A classe trabalhadora soviética estava em pleno vôo a partir do mercado, defendendo-se contra a maré do mercado vindouro. Não havia nenhuma evidência de que, levando ao extremo, iria espontaneamente se voltar contra a maré, como Polanyi imputou à classe trabalhadora inglesa. Pelo contrário, era mais provável a reação vir de cima através de um estado repressivo. Putin se encaixou perfeitamente no papel, personificando a resposta autoritária para o fundamentalismo de mercado.

Positionalidade: Adeus à etnografia

Ao estudar o capitalismo nos EUA, África, Hungria ou mesmo na Rússia, em 1991, o local da produção ainda era o centro do mundo por descortinar a fisionomia da formação social na qual tinha sido incorporado. Assim como a transição de mercado provocou uma mudança na perspectiva teórica de Marx a Polanyi, da produção para a troca, da exploração para a mercantilização, também provocou um reposicionamento fundamental em todas as três dimensões: na localização, na incorporação e na biografia.

Quando as plantas foram fechando e produção estava em queda livre, não era apenas imoral tomar o posto de trabalho de alguém, mas também não era o lugar ideal para estudar a nova ordem. A energia da nova ordem veio da esfera de troca que estava substituindo a distribuição planejada. No inverno de 1993, Krotov e eu nos dedicamos à investigação dos bancos em Syktyvkar. Na era soviética, os bancos eram em grande parte os centros da contabilidade, um epifenômeno do sistema de planejamento, mas agora eles se tornaram um fulcro da transição. Mas como estudar um banco como um etnógrafo? Nós tentamos por cinco meses, e enquanto isso permitia-nos todos os tipos de insights sobre os dilemas das novas empresas atendidas pelo banco, compreender o próprio banco era muito mais desafiador.

Não ajudou que eu sabia muito pouco sobre os bancos, e que não havia tradição de estudos sociológicos sobre bancos. Uma vez que entramos numa fábrica, ela não estava mais oculta: o seu funcionamento está lá para que todos possam observar, e a produção é tangível. Não é assim com um banco. Esta não é uma entidade produtiva, mas uma entidade transacional, e são transações sem lugar específico no espaço ou no tempo. Poderíamos falar com qualquer um no banco, exceto com a pessoa que estava tomando todas as decisões, e perder tudo o que era crucial. Precisamente porque suas transações são invisíveis, pode ser o veículo para o movimento de recursos em atacado da esfera da produção para a esfera do câmbio, e de lá para todos os tipos de pontos de venda. Pensando bem, creio que tivemos sorte por não descobrir muito, já que se tivéssemos sido bem-sucedidos poderíamos não estar vivos para contar a história. Naquela época, o banco era uma ocupação perigosa, já que as posições de liderança eram o alvo principal (ou fonte) de atividade criminal. Banqueiros eram rotineiramente presos ou assassinados – uma indicação de que algo importante estava em jogo.

Se a localização no campo foi o problema que enfrentamos no banco, foi a combinação de localização e materialização que obstruiu o estudo de estratégias de sobrevivência das famílias dos trabalhadores agora desempregados ou semi-empregados. No curto tempo que passamos com eles, era quase impossível compreender como sobreviveram e certamente, com a melhor vontade do mundo, não poderia articular seu conhecimento tácito e não-

discursivo. Mesmo se eu tivesse vivido em família, eu acho que teria sido difícil de compreender o que eles estavam fazendo. A complexidade de suas vidas teria sido inacessível. Eu simplesmente não tinha as categorias, os conceitos ou a teoria para interpretar o que ouvi e vi. Tudo isso se tornou muito claro para mim quando eu trabalhei com Tatyana Lytkina. Eu assisti com admiração e espanto a forma como ela desvendou, camada por camada, as estratégias de casa que nossos informantes relataram. Ela sabia quando e como sondar, ela sabia o que era justificção e o que era causa, o que era superficial e o que era profundo. Poderia levar várias e longas entrevistas, mas ela sempre conseguiu trazer à tona coisas de nossos informantes que eles próprios não conseguiam compreender, a maioria de sua vida inexplorada.

Após cada entrevista, durante a qual eu geralmente permanecia em silêncio, ela me interrogava para ver o que eu tinha entendido. Por mais que tentasse, eu sempre falhava no teste. Não foi simplesmente uma questão de idioma, embora as minhas competências linguísticas sempre foram limitadas e não ajudava, mas o desconhecimento das práticas embutidas no idioma. Nossos informantes sabiam que Tanya entendia suas vidas – ela era da mesma classe, havia crescido em uma comunidade rural e migrou para a cidade como tantos outros. Ela passou pelas mesmas lutas que eles, tentando manter sua própria família unida. Compartilhou com eles a linguagem da vida, uma vida muito específica que era inacessível a mim. Fiquei fascinado pela confiança e assertividade com que ela interrogou seus entrevistados, e como eram confiantes suas respostas.

O gênero, é claro, foi fundamental para a imagem. Ela mesma, a partir de sua própria vida, entendeu o que significava ser o principal sustento e chefe da casa. Entendia aquilo que nenhum homem poderia. Com efeito, quando tentou entrevistar os homens sobre as estratégias de sobrevivência, rapidamente estvâmos num beco sem saída. Mesmo sob a solicitação de Tanya – e ela era uma excelente entrevistadora, com muitas cartas na manga – os homens simplesmente não sabiam o que estava acontecendo em suas próprias casas: eles se abstiveram do próprio processo, tinham tornado-se parasitas e fardos. Em depressão, também tornaram-se inarticulados.

Não foi apenas o meu gênero, mas a minha nacionalidade e, na verdade, a minha profissão que trazia problemas graves ao campo. Não apenas com relação às famílias, mas também com relação aos nossos estudos de empresas, mesmo se fossem nas madeireiras, nas indústrias de carvão ou de construção – nossas entrevistas tornaram-se mais difíceis ao longo do tempo. No início, os gerentes estavam cheios de esperança para o futuro, felizes por receber um sociólogo dos EUA e orgulhosos das possibilidades de suas empresas pela liberdade recém-encontrada do mercado. Mas enquanto eles lutavam para sobreviver e a economia mergulhava em depressão, o humor dos gerentes também mudava. Ao invés de me cumprimentar como um amigo que não se via

há muito, eles se perguntavam o que eu estava fazendo ali voltando todo ano. Muitas vezes eu também me perguntava o mesmo. Na verdade, meus colegas de trabalho da Polar, pelo menos aqueles que tinham conseguido encontrar trabalho em outro lugar após o fechamento, estavam felizes por me receber em suas casas. Mas esta era uma sociedade decadente em que a pesquisa social tornava-se cada dia mais difícil.

É interessante, de fato, pensar na minha recepção em diferentes locais de trabalho, a minha biografia de aproximação. Na Allied, onde a força de trabalho era fragmentada por idade e por raça e vinha de toda parte do sul de Chicago, os trabalhadores tinham pouca tolerância para a minha incompetência. Minhas experiências foram, talvez, mais parecidas com a experiência de Haraszti na Red Star. Quando eu vim para a Hungria, a situação foi revertida e minha incompetência era uma fonte de diversão, provocando a simpatia e até mesmo o carinho dos colegas de trabalho. Lá, eu saía pra beber com a minha patota e visitava-os em suas casas – o único problema era achar tempo para escrever minhas notas de campo. Especialmente na Lenin Steel Works, quanto mais eu bebia, mais eu tinha que escrever, quanto menos tempo eu tinha à minha disposição, mais difícil era se concentrar.

A Rússia, porém, era mais como Chicago. Aqui minhas qualidades exóticas redundavam contra mim. Syktyvkar tinha sido uma cidade “fechada”, mais ou menos isolada do mundo exterior, por isso meus colegas de trabalho nunca tinha visto um americano antes, muito menos um professor trabalhando em suas máquinas. Eu sentia que cada movimento meu estava sendo observado e estava excluído dos rituais do chão de fábrica. Este foi também o tempo da campanha de Gorbachev contra o consumo de álcool, por isso foi difícil quebrar o gelo com o álcool. Em vez disso, alguns trabalhadores tiveram pena de mim e me convidaram para jogar dominó nos intervalos e no tempo ocioso. Como descobri anos mais tarde, que isto não era o único problema. O dirigente na minha loja tinha explorado a minha presença, continuamente alertando os trabalhadores que eles tinham de ser pontuais no trabalho pois havia um americano assistindo!

Finalmente, há o fator idade. Quando eu comecei a minha odisséia etnográfica em Chicago eu tinha 27 anos, em direção à extremidade inferior do espectro da idade. Lá havia pessoas da minha idade e que eu poderia trabalhar por oito, dez e até doze horas por dia. Dez anos depois, já era mais difícil – e acrescido a isso, as operações foram realizadas no chão de fábrica húngaro e, além disso, nunca me acostumei com a mudança de turnos. Quando cheguei no chão de fábrica russo eu estava com 44 – não tão velho para um trabalhador normal, mas bem árduo para um itinerante como eu. Além disso, aprender outro idioma nessa idade, para alguém que não é bom em aprender idiomas, foi uma luta inglória. Como se viu, a indústria russa praticamente

fechou-se, então eu não tinha mais que trabalhar. Para mim foi uma bênção, para outros uma catástrofe.

Conclusão: Teoria Pós-socialista

Se a teoria pós-colonial tenta entrar em acordo com as ilusões das lutas de independência, com os processos involucionários que negaram a liberação para pós-colônia após a pós-colônia, então a teoria pós-socialista deve acertar as contas com as esperanças ilusórias da transição para o mercado, esperanças que foram geradas dentro do próprio socialismo. O que era esta sociedade, e o que ela renunciava?

Em meus estudos húngaros, eu prestava muita atenção à especificidade do Socialismo de Estado comparando-a com o capitalismo avançado, tentando estar atento às variações de cada um. No geral, eu estava preocupado com a capacidade do capitalismo de absorver todos os desafios à sua existência, e pela maneira como ele prosperou na crise econômica, enquanto o Socialismo de Estado foi mais frágil, sustentado pela força e legitimidade ao invés de pela hegemonia e consentimento. Se o capitalismo efetivamente reproduziu a si mesmo, o Socialismo de Estado, assim pensava, abrigava um socialismo alternativo e democrático. Sem dúvida, havia tais alternativas nutridas no seio do Socialismo de Estado – o Solidariedade Polonês, o florescimento das cooperativas na Hungria, e o crescimento russo da sociedade civil sob a perestroika. Tudo isso surgiu naturalmente a partir da lógica do Socialismo de Estado. Eles objetivaram abordar uma patologia ou outra, para corrigir o socialismo de modo que pudesse funcionar melhor, para trazer a sua realidade alinhada a sua ideologia.

A advertência contra falsas comparações, o idílio de comparar a realidade de uma sociedade com uma versão utópica de outra, não impede a comparação da realidade de uma sociedade com suas próprias representações ideológicas - o que chamamos de crítica imanente. O Socialismo de Estado esteve especialmente vulnerável à crítica imanente porque não escondeu a exploração e a dominação: tinha de justificar e legitimá-las como sendo de interesse coletivo. A crítica imanente, chamando a atenção para as promessas não cumpridas do socialismo, pode levar ao cinismo e retratação se não estiver ligada a movimentos sociais inspirados por alternativas lutando para libertar-se dos grilhões do existente. Foi o que aconteceu.

Enquanto eu estava buscando alternativas nascentes dentro do socialismo, a classe dominante tinha outras idéias. Eles decidiram abandonar o socialismo completamente. Assim como os grupos dominantes do mundo pós-colonial foram tomados pelo projeto de modernidade ocidental, a própria modernidade que havia o subjogado primeiro, as frações poderosas da classe

dominante soviética foram tomadas pelas possibilidades utópicas do capitalismo. Auxiliadas por economistas ocidentais, as elites dominantes sucumbiram a uma falsa comparação fatídica: eles compararam o que eles consideravam como sua própria realidade miserável com uma brilhante imaginação do capitalismo. Eles não compreenderam, e nem poderiam compreender os limites do capitalismo.

Pior, eles sucumbiram a falsas imputações, bem como a falsas comparações. Assim como seus antepassados, que lideraram a Revolução Bolchevique, os marqueteiros presumiram que destruir o passado era suficiente para criar um futuro radicalmente diferente e melhor. Pensavam que ao destruir o Socialismo de Estado o mais desenfreadamente e rápido possível, um capitalismo radiante surgiria milagrosamente a partir das cinzas do velho. Na verdade, os bolcheviques foram muito mais realistas em suas imputações que os marqueteiros, uma vez que ficou claro que não haveria nenhuma revolução socialista no Ocidente, e que a União Soviética seria cercada por países hostis. A teoria orientadora de Lênin, Trotsky e Bukharin era muito mais realista do que a que orientou figuras esquecidas como Yeltsin, Gaidar, Burbulis e Chubais. Os marqueteiros tinham ilusões muito mais profundas sobre as suas perspectivas não só por causa das qualidades ilusórias de sua teoria, mas porque estavam se juntando ao capitalismo mundial ao invés de lutar contra ele. Eles não entenderam nem os custos de transição, nem que poderiam acabar como uma ditadura periférica e empobrecida, em vez da social-democracia sueca. O capitalismo não era orgânico para o socialismo soviético, foi imposto por outra sociedade de cima e de fora. Como os nossos estudos russos sobre a involução econômica mostraram, a imposição levou a distorções selvagens e imprevisíveis, a patologias e desastres.

Há uma tentação de reprimir a era do Socialismo de Estado como um sonho ruim, marcado como o caminho mais longo do capitalismo para o capitalismo. Aqueles que tomaram este caminho agora se voltam para a investigação da pluralidade dos capitalisms, relegando a comparação do capitalismo com o socialismo para a lata de lixo da história (Burawoy, 2001). A teoria pós-socialista, por outro lado, exige que pensemos sobre o que se passou, o que era o socialismo, quais eram suas potencialidades, e quais as suas implicações para a maneira como pensamos sobre o mundo de hoje e suas alternativas. A teoria pós-socialista fala das ilusões do livre mercado e da democracia liberal que arrebataram tanto sob o tacão da ditadura soviética. A teoria pós-socialista defende o ponto de vista contra o capitalismo, apontando para suas limitações como sistema econômico e para o modo como necessariamente gera desigualdade, marginalidade e opressão, absorvendo e reprimindo dissidentes enquanto organiza o consentimento. A fragilidade do Socialismo de Estado nos ajuda a compreender melhor a força e a vitalidade do capitalismo.

Em busca de pontos de vista contra o capitalismo, a teoria pós-socialista define o etnógrafo como um arqueólogo que procura embriões, formas emergentes nos interstícios do capitalismo – as formas sociais, econômicas e políticas que desafiam o capitalismo. Estas experiências sociais, essas formas emancipatórias são utopias reais ou tipos ideais que exigem abstração analítica, uma interrogação de seus princípios constitutivos, a exploração de suas condições externas de existência e, assim, as possibilidades de sua divulgação, bem como uma compreensão das contradições internas que divulgam sua dinâmica e sustentabilidade. A teoria pós-socialista dispensa – com escatologias baseadas em leis da história que prevêem o colapso inevitável do capitalismo e quebra ruptural – as mesmas escatologias equivocadas que forneceram o suporte ideológico para o socialismo realmente existente. O teórico pós-socialista já não é um legislador armado com a verdade, mas um etnógrafo autoreflexivo provocando alternativas escondidas no existente, ao invés de promulgar sermões da nova ordem que se aproxima. O teórico pós-socialista é um intérprete de possibilidades ocultas e não um profeta, um ser humano e não um deus.

REFERÊNCIAS:

- Appadurai, A. (1988) 'Putting hierarchy in Its place', *Cultural Anthropology*, vol. 3, no. 1, pp. 36–49.
- Burawoy, M. (1979) *Manufacturing Consent* (University of Chicago Press).
- Burawoy, M. (1980) 'The politics of production and the production of politics: A comparative analysis of piecework machine shops in Hungary and the United States', *Political Power and Social Theory*, vol. 1, pp. 259–97.
- Burawoy, M. (1982) 'The written and the repressed in Gouldner's industrial sociology', *Theory and Society*, vol. 11, no. 2, pp. 831–51.
- Burawoy, M. (1985) *The Politics of Production* (Verso).
- Burawoy, M. (1996) 'The state and economic involution: Russia through a Chinese lens', *World Development*, vol. 24, no. 6, pp. 1105–17.
- Burawoy, M. (1998) 'The extended case method', *Sociological Theory*, vol. 16, no. 1, pp. 4–33.
- Burawoy, M. (2001) 'Transition without transformation: Russia's involutory road to capitalism', *East European Politics and Societies*, vol. 15, no. 2, pp. 269–290.
- Burawoy, M. (2003) 'Revisits: An outline of a theory of reflexive ethnography', *American Sociological Review*, vol. 68, no. 5, pp. 645–679.

- Burawoy, M. & J. Lukács (1994) *The Radiant Past* (University of Chicago Press).
- Burawoy, M. & K. Hendley (1992) 'Between perestroika and privatization: Divided strategies and political crisis in a Soviet enterprise', *Soviet Studies*, vol. 44, no. 3, pp. 371–402.
- Burawoy, M. & P. Krotov (1992) 'The Soviet transition from socialism to capitalism: Worker control and economic bargaining in the wood industry', *American Sociological Review*, vol. 57, pp. 16–38.
- Burawoy, M. & P. Krotov (1993) 'The economic basis of Russia's political crisis', *New Left Review*, no. 198, pp. 49–70.
- Burawoy, M., T. Lytkina & P. Krotov (2000) 'Involution and destitution in capitalist Russia', *Ethnography*, vol. 1, no. 1, pp. 43–65.
- Gouldner, A. (1954) *Patterns of Industrial Bureaucracy* (Free Press).
- Gupta, A. & J. Ferguson (1992) 'Beyond "Culture": Space, identity, and the politics of difference', *Cultural Anthropology*, vol. 7, no. 1, pp. 6–23.
- Haraszti, M. (1977) *A Worker in Worker's State* (Penguin Books).
- Haraszti, M. (1987) *The Velvet Prison: Artists Under State Socialism* (Basic Books).
- Konrád, G. & I. Szelenyi (1979) *The Intellectuals on the Road to Class Power* (Harcourt Brace Jovanovich).
- Marcus, G. (1995) 'Ethnography in/of the world system: The emergence of multi-sited ethnography', *Annual Review of Anthropology*, vol. 24, pp. 95–117.
- Polanyi, K. (1944) *The Great Transformation* (Rinehart & Company).
- Rabinow, P. (1977) *Reflections on Fieldwork in Morocco* (University of California Press).

RECEBIDO EM 18-07-2014

APROVADO EM 23-03-2015